



As Outras Viagens do Recado: um percurso pela criação coletiva em rede.¹

Maria CARAM²

Jodilson Oliveira MOREIRA JÚNIOR³

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este trabalho analisa o projeto virtual *As outras viagens do recado*, que trabalha a criação coletiva de contos baseados na novela *O Recado do Morro*, de João Guimarães Rosa. Sete escritores são chamados a dar vida a sete personagens da trama, a partir do momento em que saem do enredo original. Os autores foram cooptados através de link divulgado nas redes sociais Twitter e Facebook e os textos são desenvolvidos em grupo através de fórum moderado. Sua publicação final é feita em um *blog* e transformada em uma animação com *hiperlinks* que dá ao leitor uma série de possibilidades de leitura. Busca-se investigar as possibilidades de criação abertas dentro da cibercultura e analisar as questões de autoria e o papel do leitor neste novo contexto eletrônico.

Palavras-chave

Criação coletiva; Hipertextualidade; Narrativa; Autoria; Ciberliteratura.

Introdução

A construção da narrativa foi, por longo tempo, um trabalho essencialmente coletivo. Assim nos mostra Walter Benjamin (1994) em seu texto *O Narrador*, ao comentar o caráter formativo da narrativa oral. É também o autor alemão quem coloca que a ascensão da cultura escrita e dos processos de impressão leva ao fim da narrativa oral, submetida à informação. Por outro lado, Benjamin vê no leitor uma fonte de escape para esta “morte”. Para ele:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p.203)

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Programa de Estudos de Linguagem do CEFET-MG; email: mariacaram@gmail.com

³ Graduando do 5º semestre do curso de Comunicação Integrada da PUC Minas; email: jodilson.moreira@gmail.com



Junto aos processos de registro escrito e impressão ascende a função do autor. Este passa a ser o dono da obra, com direitos exclusivos de comercialização e modificação sobre ela. A impressão e registro das obras também permitem uma fiscalização maior sobre o que é publicado, sobre o que é dito. O controle e a censura garantidos pela prensa mecânica limitam os caminhos possíveis da narrativa

Apenas no pós-estruturalismo passa-se a questionar de forma dura o papel do autor. Foucault (2001) ressalta os mecanismos de controle do discurso que a figura de um autor permite. Roland Barthes diz que “Dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita” (BARTHES, 2004, p. 4), e ressalta que o texto só se completa em sua recepção, sua concepção é apenas parte do processo.

Essa visão de Barthes nos mostra que, ainda que de forma diferenciada, a relação entre aquele que narra e aquele que ouve não foi completamente suprimida. Permanecem, nas sociedades de escrita, características que eram inerentes a sociedades orais. É a permanência dessas características que levam Pierre Lévy (1993) a dividir as sociedades em de oralidade primária e oralidade secundária. Nas primeiras, os registros orais prevalecem sobre os escritos; nas segundas, registros gráficos se sobrepõem à oralidade. É importante ressaltar, porém, que um tipo de registro nunca elimina o outro por completo.

Vivemos hoje em uma sociedade interconectada e hipermidiática que altera grandemente as formas de concepção e recepção de texto e, conseqüentemente, os papéis de autor e leitor. Talvez possamos pensar agora em um terceiro tipo de sociedade, que mescla elementos da oralidade e da escrita à várias outras tecnologias existentes. Potencializa-se a idéia de hipertexto, que já era utilizada em textos escritos por autores como Mallarmé e Queneau, mas que, na *internet*, mistura-se a outros textos, através de *hiperlinks*, e também a vídeos, imagens, sons, transformando todas essas formas de expressão em textos a serem lidos.

O leitor, que sempre completou o sentido do texto, mas de forma solitária e pouco interativa, ganha uma autonomia maior. É papel dele escolher qual o caminho de leitura dos diversos textos, selecionar os *links* que serão seguidos, ignorados ou acrescentados, traçar sua rota de leitura. O leitor ganha, ainda, a possibilidade de interação com o autor dos textos, seja através de caixas de comentários, seja através da capacidade real de alterar a edição.



Alex Primo (2003) diz que há três tipos de hipertexto na rede: potencial, cooperativo e de colagem. Eles são definidos pelas possibilidades de interatividade e autonomia que permitem. O hipertexto potencial se assemelharia aos livros impressos, no sentido de que todo o caminho de leitura é determinado pelo autor. Não há influência nenhuma do leitor no texto, o impacto é unilateral. Já no hipertexto cooperativo, todos participam da criação do texto, a partir do impacto que causam e recebem no grupo, da criação de uma rede de relacionamento e dos frutos disso no próprio texto. Por fim, o hipertexto de colagem é uma atividade de escrita coletiva, mas que pede mais uma administração dos textos escritos do que um processo cooperado de elaboração.

Podemos perceber nas colocações de Lévy e Primo alguns elementos presentes na cultura digital que vieram da cultura oral. Lévy ressalta que o oral nunca some, está sempre por trás das culturas escritas. Primo coloca a forte presença de interação e construção coletiva como fatores de construção de hipertextos, tais quais eram nas narrativas orais, segundo Benjamin. Nota-se assim que, muitas vezes, aquilo que nos é apresentado como novo e original pode ser apenas uma releitura de elementos que já acompanham há tempos nossa cultura.

As Outras Viagens do Recado

Seria um erro considerar que apenas com a cultura digital retornam esses elementos da oralidade. Como já foi dito, a oralidade não é suprimida das sociedades de escrita, ela mistura-se às novas técnicas de comunicação e registro. A literatura, por exemplo, se utiliza de muitos elementos da cultura oral para enriquecer suas criações. Dentro da literatura brasileira, formas de oralidade são retomadas e transformadas em pontos chave dentro da história.

João Guimarães Rosa fez da oralidade um dos mais importantes elementos de sua escrita. O neologismo, que é uma de suas principais características literárias, baseia-se principalmente nas expressões usadas pelo sertanejo em suas conversas.

No livro *Corpo de Baile*, várias novelas trabalham a questão da oralidade e das narrativas orais. Na novela *O Recado do Morro* toda a trama desenrola-se no discorrer de um recado, transmitido pelo Morro da Garça e passado de boca em boca por sete personagens. A oralidade torna-se, ali, uma personagem importante da trama.

O espaço narrativo da novela, como recorrente, é o sertão mineiro, mais especificamente entre as cidade de Cordisburgo e a região dos Gerais. Uma comitiva montada por um fazendeiro, um padre, um pesquisador alemão e dois sertanejos



percorre esse caminho, encontrando ao longo dele sete personagens representativos da região, os porta-vozes do recado do morro.

O primeiro personagem encontrado, Gorgulho, mora em uma das grutas do morro da Garça. Apesar de surdo, é ele quem ouve a mensagem do morro e primeiro a conta aos estradeiros. Por ser considerado doido, é ignorado pelos viajantes.

Seu irmão, Catraz, também é habitante das grutas, mas é muito mais ligado as questões citatinas: ele cria, inventa objetos tecnológicos baseado em informações que pega das revistas. É o segundo portador do recado e só escutado com atenção pelo menino Joãozezim, que representa a infância e inocência dentro da trama. Joãozezim é a escuta pura, sem julgamento, censuras ou filtros.

Do menino o recado passa ao “bocó” Guégue. Guégue é agregado da fazenda e tem como função mandar recados, entregar encomendas, guiar viajantes. No entanto, sua forma de guardar os caminhos, seguindo sempre índices mutáveis como as fezes de animais, os ovos de um passarinho, as nuvens do céu, fazem dele um alucinado. Guégue é seu apelido por ser gago. Sua fala é também entrecortada, composta de forma cruzada.

É Guégue quem passa o recado a Nominedômine, fanático religioso que encontra a comitiva em uma parada de descanso depois de andarem em círculos seguindo o bocó. Nominedômine se impressiona com o recado contado por Guégue e o julga uma intervenção divina. O crente desaparece em um momento de distração dos viajantes, mas retorna a trama quando a comitiva chega a cidade de destino para os festejos religiosos, dando a entender que houve aí uma viagem em paralelo do recado e da comitiva.

Quando retorna a cidade, Nominedômine grita o recado na igreja, e este é absorvido pelo Coletor, responsável pelo recolhimento do dízimo, mas também um homem que vive a fazer contas de posses que não tem pelos muros da cidade. Enquanto está exercendo esta atividade após a missa, ele repassa o recado, entrecortado entre uma conta e outra, e é escutado por Laudelim Pulgapé, músico da cidade.

Laudelim, que buscava inspiração para sua música, acaba por se apossar do recado, reintrepretá-lo uma última vez e transformá-lo em uma canção que ele diz ser de sua autoria, ignorando todo o caminho percorrido desde o morro da Garça.

Como se pode notar, todos os portadores do recado são personagens marginais da sociedade: loucos, crianças, “bocós”, fanáticos religiosos, artistas. Todos se utilizam de pseudônimos, seus nomes verdadeiros raramente aparecem ao longo do texto. O sertão é um espaço aberto, onde caminhos e veredas sempre trazem novas



possibilidades, novos encontros. Há algo em todos esses elementos que, além de trazerem a cultura oral também nos remetem a elementos da *web* (uso de pseudônimos, histórias entrecortadas de leitura livre, possibilidade quase ilimitada de caminhos.)

Baseado nesta novela, desenvolveu-se o projeto *As outras viagens do recado*. Visando reunir estes elementos da oralidade presentes tanto na literatura escrita como na narrativa eletrônica, elaborou-se um trabalho baseado nos sete personagens portadores do recado. Sete leitores da novela assumem o papel de cada um dos personagens, por livre escolha, e dão vida a eles a partir do momento em que saem da linha narrativa do livro. Estes contos são publicados em *weblog* ao fim do projeto.

Longe de ser um projeto simples de reunião, gerenciamento e organização de textos, o projeto quis aproveitar a própria estrutura rizomática⁴ da história para montar sua organização. Para encontrar os autores, os organizadores do projeto lançaram um *link* nas redes sociais Twitter e Facebook e pediram para que seus contatos o repassassem. Tal *link* levava a um *weblog* com a idéia do projeto e várias etapas de sua construção. Aqueles que se interessassem pelo projeto, entravam em contato através das caixas de comentários do *blog*. Até aqui temos um trabalho que se encaixa na categoria hipertexto colagem, onde uma pessoa gerencia a ação das demais envolvidas.

No momento em que o leitor escolhe o personagem que quer assumir, no entanto, ele ganha um caráter de autonomia sobre seus escritos. Os textos são postados em um fórum eletrônico e podem ser vistos e alterados pelos demais autores. A função do administrador aqui passa a ser apenas de moderação, evitando que um autor acabe por invadir o personagem de outro. Temos assim, um projeto que mescla as categorias hipertexto cooperativo e hipertexto de colagem.

As outras viagens do recado é um trabalho em andamento. Seu encerramento está prevista para março de 2012, quando os textos devem ser finalizados, publicados e transformados na versão final da animação que vai permitir ao público um passeio virtual (e visual) pelo texto, uma viagem pelos vários caminhos do recado.

O objetivo final do trabalho é ilustrar como as formas de interação e construção da narrativa *online* resgatam e releem muitos elementos da cultura oral. É demonstrar de que maneiras presente e passado se misturam e engendram novas maneiras de criação, que não pertencem de forma exclusiva nem a um nem a outro.

⁴ Proposta por Deleuze e Guatarri (2009), o rizoma reconhece a multiplicidade. Quebra a idéia de um eixo central que controla os demais eixos radiculares. Em um rizoma, conecta-se um ponto qualquer a outro ponto qualquer, misturando signos diferentes. Considera-se a novela *roseana* como rizomática pois os narradores do recado não são ligados entre si, mas permanecem em encontro constante durante toda a história.



Veredas da web

Willi Bolle (2004), ao analisar o livro *Grande Sertão: Veredas*, faz uma analogia com o sertão descrito por Guimarães Rosa e *web*. Para ele, ao descrever o sertão, Rosa propõe um discurso labiríntico, onde o leitor tem que mergulhar e perder-se. É um caminho não linear de descobertas, com um funcionamento análogo ao do cérebro, que não funciona em linhas retas, mas por associações e memórias coligadas. O sertão rosiano, que Bolle analisa apenas em *Grande Sertão*, é constante na obra do autor mineiro e é também parte essencial de *O Recado do Morro*.

Assim como o alemão, vemos o texto roseano como um hipertexto com muitas das características típicas dos hipertextos eletrônicos. De acordo com Bolle:

A especificidade do hipertexto rosiano – [...] – está na *narração-em-forma-de-rede*. Com essa forma, Guimarães Rosa antecipa o princípio estratégico que fundamenta a construção da internet: uma rede, que evita um centro hierárquico, – [...] – para propor rotas múltiplas de comunicação (BOLLE, 2004, p. 88-89)

É em cima desta narração em forma de rede que *As outras viagens do recado* trabalha. Acreditando ser possível criar uma rede externa ao livro, um espaço de criação que escapa ao espaço do autor e coloca o leitor como participante ativo da construção do texto. Vemos o espaço da rede dentro do projeto como uma reterritorialização do espaço do sertão na obra roseana.

Também percebemos na forma como o autor mineiro utiliza a oralidade um ponto interessante a ser trabalhado analogamente a rede, explorando as formas de resgate e releitura de elementos como a criação coletiva de textos, a junção de múltiplos repertórios, mas também de múltiplos recursos. Entendemos que, dentro das limitações impostas pela impressão, Guimarães Rosa explora ao máximo recursos como o visual e o sonoro, criando intertextos através da descrição de espaços e da fala.

Acreditamos que a cibercultura modifica radicalmente as formas de produção criativa tal como as entendemos até recentemente. Permite uma série de montagens diferenciadas, não lineares, interdisciplinares, inter e hipertextuais. Acima de tudo, permite uma fluência constante nos papéis de autor e leitor e questiona categorias estabelecidas como a autoria, os direitos autorais e a legitimação dos textos a partir de um nome.



A finalidade deste artigo é demonstrar o processo de elaboração e desenvolvimento do projeto *As outras viagens do recado*, tal como ele se encontra até o momento. Investigando os elementos de interação, pretendemos demonstrar como a sociedade em rede criou novas formas de cultura, de criação compartilhada, de possibilidades de interferência e desenvolvimento dos trabalhos de uma maneira cada vez mais coletiva e de como isto pode ser tornar um trabalho final feito por muitas mãos, sem um caráter definitivo de autoria.

Conclusão

De março até o momento em que escrevemos este artigo *As outras viagens do recado* passou por uma série de mudanças, em sua maioria feitas através de discussão com os escritores que já aderiram ao projeto. Tais mudanças dizem respeito tanto as formas de gerir, como as de publicar e elaborar os textos. Há uma série de dificuldades em estudar uma obra em andamento, mas o que interessa a este trabalho é mostrar o caráter móvel constante em que se encontra a cibercultura. Por certo que não obteremos aqui resultados definitivos, no entanto, já podemos demonstrar até que ponto este trabalho se aproxima do seu objetivo final de apresentar as novas formas de produção de narrativa *on-line*.

Benjamin (1994) colocava que o narrador tinha que lidar com uma platéia e adaptar sua história a ela, àquele contexto. Os narradores viajantes faziam isso com bastante frequência, mas aqueles que ouviam as histórias e iam contá-las para outros ouvintes também tinham que se adaptar. A impressão acaba com isso porque desloca as narrativas de seu contexto sem adaptá-las ao local de recepção.

A *internet* permite a criação de um contexto global. Não existe mais um espaço geograficamente separado, Brasil, França, E.U. A ou Nordeste/Sudeste, mas um espaço virtual comum que mistura todos estes contextos, criando vários espaços novos. Ao mesmo tempo, reaproximam-se as pessoas e, se não se pode fazer uma narração cara-a-cara, pode-se narrar simultaneamente e sob a interferência de uma série de pessoas diferentes, de lugares diversos, com experiências diversas.

Um projeto tocado por variadas mãos acaba por ganhar uma feição que condiz ao conjunto destas mãos e não a cada uma individualmente. O que *As outras viagens do recado* nos mostra até seu atual ponto de desenvolvimento é que a rede permite uma forma de narrativa muito próxima daquela que existe nas sociedades de oralidade primária, mas dentro de um contexto mais amplo e aberto, que mistura elementos



culturais diferenciados para apresentar um novo produto. Além disso, mais outras idéias podem surgir a partir desta e, mesmo esta não é uma idéia fechada, uma vez que os textos serão publicados em *weblogs* e estarão sob constante influência de comentadores. O que se desenvolve é, então, uma obra aberta.

Como conclusão final, podemos dizer que, embora este artigo tenha a co-autoria de dois autores, mais correto seria dizer que todas as mãos envolvidas ou que se envolveram com o projeto em algum momento também o assinam.

Deleuze coloca, na introdução de *Mil Platôs*, volume 1 (2009), a seguinte frase: “Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante.” (DELEUZE, 2009, p.11). O que percebemos até aqui coincide com esse pensamento: este artigo construiu-se na medida em que se construiu o projeto virtual *As outras viagens do recado*. Todo o contato com os escritores envolvidos foi feito de forma virtual e idéias que saíram daqui influenciaram na construção dos textos e vice-versa. Para nós isso demonstra as possibilidades abertas pela sociedade em rede de criar um *networking* virtual de produção que engendra novas redes e novas idéias de forma constante e aberta.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e a historia da cultura. Obras escolhidas (vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo. Duas Cidades; Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, (vol. 1).

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.



PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo:** Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003 2003.

ROSA, João Guimarães. **O Recado do Morro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

SZTUTMAN, Renato (Org.). **Encontros:** Eduardo Viveiros de Castro: entrevistas. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

Fórum de discussão **Os poetas roubam.** Disponível em < <http://poetasroubam.forum-livre.com> > Acesso em 04 de julho de 2011

Weblog **Os poetas roubam.** Disponível em < [http:// www.ospoetasroubam.blogspot.com](http://www.ospoetasroubam.blogspot.com) > Acesso em 12 de julho de 2011